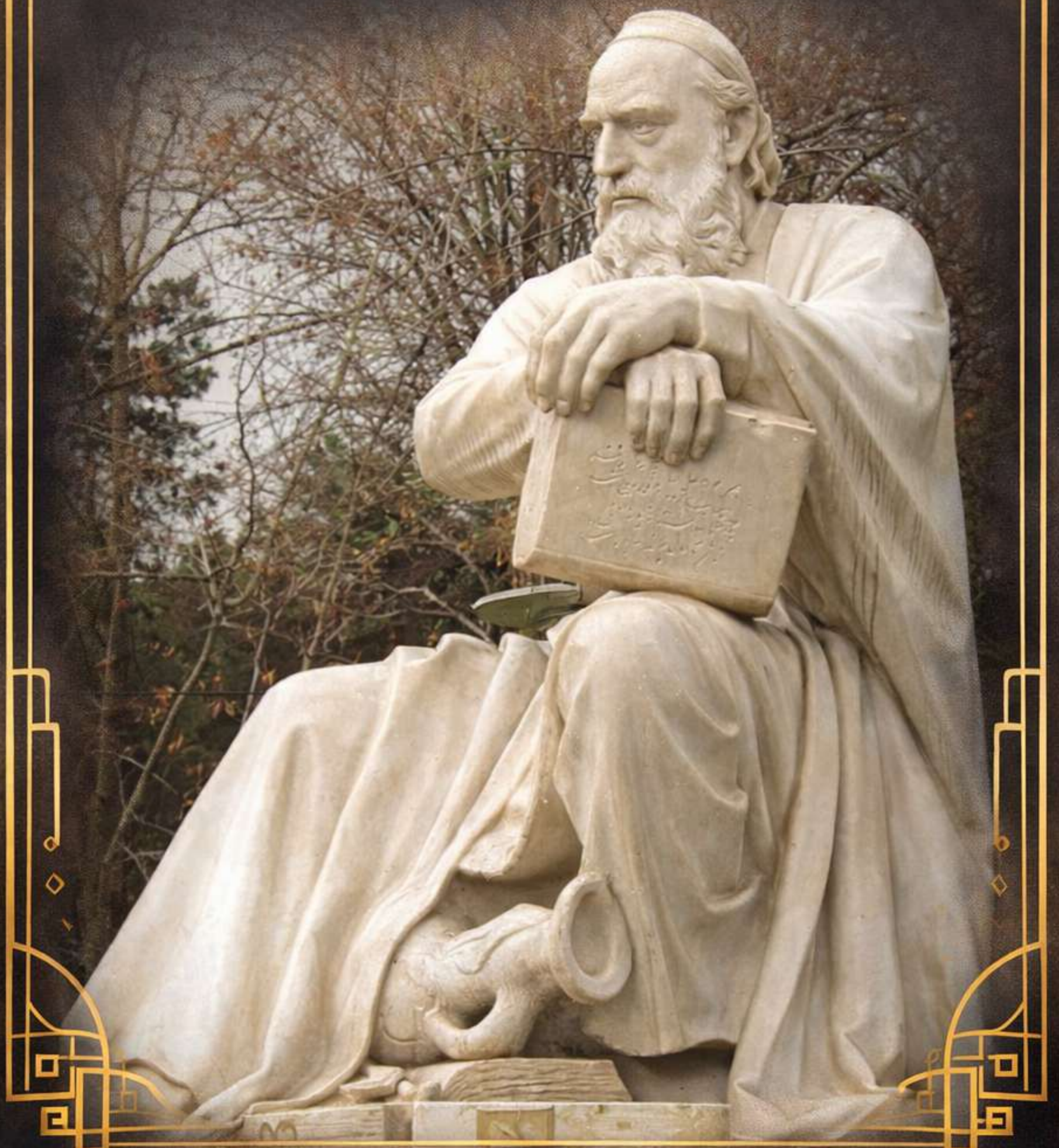
O Rubayiate
Omar Khayyam

Tradução: Amadeu António



TRADUZIDO, COM INTRODUÇÃO

NOTAS E BIBLIOGRAFIA, POR EDWARD HERON-ALLEN

INTRODUÇÃO Com uma insistência patética, igualável apenas àquela com que a cabeça do Rei Carlos se intrometia nas memórias do Sr. Dick, alguns detalhes biográficos sobre a vida de Ghias ud-din Abul Fath 'Omar bin Ibrahim Al Khayyam (tal como registado no Testamento de Nizam ul Mulk, e citado daí na História dos Assassinos de Mirkhond, no Habib us-Siyar de Khondemir, e no Dabistan) têm-se introduzido nas digressões introdutórias de quase todos os autores, poetas ou tradutores que publicaram algum livro ou artigo tendo como tema estas quadras.

De forma geral, esses detalhes incluem a história do acordo tripartido, para benefício mútuo, entre Omar Khayyam, Nizam ul Mulk e Hasan ibn Sabah; a sua reforma do calendário; o exórdio crítico de Shahrastani; a história da sua aparição à mãe; e aquela sobre o seu túmulo, relatada pelo seu aluno Nizami de Samarcanda. Da mesma forma, desde a morte do Sr. Fitzgerald, podemos aplicar a mesma observação aos detalhes biográficos da vida deste, extraídos das suas próprias cartas encantadoras ou obtidos da vasta literatura em revistas publicada nos intervalos, surgindo como partes integrais das introduções, crescendo em volume e peso.

1. As formas europeias do nome do nosso autor variam conforme as nacionalidades e preferências dos seus tradutores e historiadores na transliteração. Só em obras e catálogos ingleses encontramos as variações Omar Khayyám, Omar-i-Khayyam e Omar al Khayyam. Monsieur Nicolas, na sua nota na pág. 2, afirma: "O seu verdadeiro nome era Omar, mas sendo obrigado a seguir o costume oriental que exige que cada poeta adote um apelido (takhallus), manteve o nome que indicava a profissão do pai e a sua própria, isto é, Khayyam — 'fabricante de tendas' (ver nota 1 à quadra 22, infra; ver também pág. xl.). Os persas dizem que foi a extrema modéstia de Omar que o impediu de adotar um apelido mais brilhante, como Firdausi (= o Celestial); Sa'di (= o Feliz); Anwari (= o Luminoso); Hafiz (= o Preservador)." O Professor Cowell favoreceu-me com as seguintes observações: "O Atash Kadah chama-lhe 'Khayyam', acrescentando (e os autores persas geralmente fazem-no) 'e chamam-lhe Omar'. Ainda assim, o prefácio persa do manuscrito de Calcutá apresenta 'Omar Khayyam', como nós, europeus. Sprenger, no seu Catálogo, chama-lhe 'Omar Khayyam', tal como o Dr. Rieu no seu Catálogo do Museu Britânico. 'Omar Khayyam', portanto (como vê), possui bastante autoridade. 'Omar al Khayyam', até onde vejo, não tem qualquer autoridade."

2. Muhammad ibn Khavand Shah Mir Khwand. "History of the Early Kings of Persia," traduzido por D. Shea. Londres, 1832. (Oriental Translation Fund.)

3. Habib us-Siyar de Ghias ud-din Khwand Amir. Traduzido por F. Gladwin sob o título "An Account of the Philosophers from the Khulasat al Akhbar of ... Khandamir". Londres, 1785.

4. *O Dabistan é uma coleção de memórias históricas, cujo autor não é nomeado, mas supõe-se que tenha sido escrito por um tal Mulla Mubad. Uma tradução por D. Shea e A. Troyer foi publicada em 1843 pelo Oriental Translation Fund.*

Como é improvável que esta obra chegue às mãos de alguém que não tenha lido o prefácio do próprio Edward Fitzgerald ao seu poema, ou pelo menos que seja estudada seriamente por alguém que não o tenha feito, e dado que é pouco provável que algum estudante leia este volume sem que o seu interesse por aquele poema o tenha levado a ler as "Letters and Literary Remains of Edward Fitzgerald", permitir-me-ei guardar um discreto silêncio sobre estes pontos, não sobrecarregando a minha introdução com histórias já enfadonhamente familiares aos meus leitores.

Remeto aqueles que desejem aprofundar a literatura de revistas sobre o tema para os artigos de Mr. Gosse (Fortnightly Review, Julho de 1889), Mr. Groome (Blackwood's Magazine, Novembro de 1889), Mr. Clodd (English Illustrated Magazine, Fevereiro de 1894), e Mr. Schütz-Wilson (Contemporary Review, Março de 1876). Quanto ao resto, o interessado é remetido para o Apêndice Bibliográfico e para o Índice de Literatura Periódica de Poole.

Permanece ao nosso dispor a história de como a primeira edição do poema de Fitzgerald caiu em desgraça, sendo relegada à caixa das pechinchas, e posteriormente subiu até atingir sete guinéus por exemplar, conquistando honrosa fama anedótica. Para os detalhes desta evolução, o leitor é remetido à introdução da versão em prosa do Sr. J. H. McCarthy, que é, segundo as minhas pesquisas, o ensaio mais erudito, entusiástico e elegante já publicado sobre estes temas tão debatidos.

Dos ensaios críticos sobre o poema de Fitzgerald, provavelmente o melhor é o do Sr. Keene (Macmillan’s Magazine, Novembro de 1887), embora mais adiante se veja que discordo das opiniões por ele expressas; e, entre os ensaios ex cathedra—isto é, escritos por orientalistas—desde o fundamental ensaio do Professor Cowell (Calcutta Review, Março de 1858), nenhum ultrapassou o do Professor Pickering (National Review, Dezembro de 1890).

Para além da história anedótica desta coleção de quadras e do poema incomparável que inspiraram, existe um capítulo histórico que merece atenção cuidadosa—a história do período que vai aproximadamente desde 1050-60 d.C., época aceite pelos historiadores como data do nascimento de Omar Khayyam, até ao ano de 1123 (517 a.H.), data da sua morte registada com razoável contemporaneidade. Durante este período viveu o nosso poeta-matemático, e dos eventos ocorridos nesta época—eventos que abalaram o Islão nos alicerces da sua fé—resultaram influências que podem ter tingido a filosofia transmitida pelo poeta.

Evidências internas da coleção negam a ideia de que as quadras foram escritas numa só altura como partes de um todo consecutivo, sugerindo antes que foram redigidas em intervalos dispersos ao longo da vida de Omar e compiladas, geralmente sob forma consecutiva alfabética ou na forma tradicional de divã, no fim da sua vida, ou mais provavelmente, após a sua morte.

Parece-me mesmo provável que muitas destas quadras tenham sido transmitidas como epigramas tradicionais, e só mais tarde recolhidas por poetas como Hafiz ou Jami, ou pelo seu discípulo Nizami, cujas lembranças das quadras de Omar, fortemente influenciadas pelas inclinações dos seus transmissores, foram tomadas como as ipsissima verba de Omar, nas volumosas coleções de quadras que, durante cinco séculos, têm vindo a público periodicamente atribuídas à sua autoria.

É razoável supor que os eventos contemporâneos tiveram pouca ou nenhuma influência sobre Omar e a sua obra até, no mínimo, 1076 d.C., quando a conquista de Jerusalém pelos turcos desencadeou a convulsão prolongada do mundo muçulmano, cuja fase inicial foi a Primeira Cruzada. O Sultão Toghrul fora sucedido em 1063 por Alp Arslan, que conquistou Mahmud o Grande, Califa de Bagdade, alargando o seu domínio desde o Mar Mediterrâneo até à Grande Muralha da China, e, após ser assassinado no dia de Natal de 1072, foi sucedido pelo seu filho Malik Shah, patrono e protetor de Omar Khayyam.

Não existe melhor história da era de Omar do que a contida nas Makamat (ou "Assembleias") de El Hariri, o mercador de seda que, nascido em Baçorá em 1054 e falecido em 1122, escreveu o livro do qual o Professor Chenery (professor de árabe em Oxford) nos deixou uma tradução magistral. A origem deste livro, segundo nos dizem, foi o seu encontro casual com um dos poucos sobreviventes do massacre de Seruj, quando essa cidade foi atacada e destruída por Balduíno, irmão de Godofredo de Bouillon, em 1098, período em que governava o Principado cristão de Edessa.

Em 1084 pode considerar-se concluída a conquista da Ásia Menor pelos turcos, e em 1088 iniciaram-se as perseguições aos peregrinos cristãos a Jerusalém, levando às Cruzadas. Em 1092 morreu Malik Shah que, além das suas conquistas territoriais, reformou o calendário graças ao trabalho de oito sábios, entre os quais Omar, inaugurando a era Jalali, que corrigiu todos os erros de contagem, tanto passados como futuros, uma era que, segundo Gibbon, ultrapassava o calendário Juliano e aproximava-se em exatidão do Gregoriano.

É difícil resistir à tentação de abordar alguns episódios marcantes da Primeira Cruzada, como registados na Crónica de William de Malmesbury: os cercos de Antioquia (1098) e de Jerusalém (1099) sob Godofredo de Bouillon, irmão do famoso Balduíno, e a queda de Ascalão; a morte de Godofredo e a sucessão de Balduíno ao Reino de Jerusalém em 1100; o revés dado à Cruzada pelo rei seljúcida Kilij Arslan em 1102 e a vitória de Balduíno em Acra (Ptolemais) em 1104; o ressurgir do prestígio do

Sacro Império Romano na Arménia sob João II Comneno, filho de Aleixo Comneno, falecido em 1118; e o período de relativa tranquilidade que se seguiu, durante o qual Omar morreu (1123) em retiro e repouso filosófico em Naishapur, com os seus últimos anos suavizados pela companhia, pelas rosas e pelo vinho cujo cântico cantou com duradouro efeito, à vista do ainda belo e fértil vale de Meshed em Khorasan, berço do canto persa, que se orgulhava de ser local de nascimento sucessivo de Firdausi, Essedi, Ferid ud-din 'Attar, Jalal-ud-din Rumi, Jami, Hatifi e tantos outros, e que justamente se poderá chamar o Parnaso Persa.

1. *Para um relato simplificado, consultar "The Crusades" na série "Story of the Nations", por T. A. Archer e C. L. Kingsford. Londres e Nova Iorque, 1894.*
2. *"The Assemblies of Al Hariri". Londres, 1867.*
3. *Segundo algumas autoridades, as conquistas da Síria e da Palestina e do Império do Extremo Oriente foram realizadas por Malik Shah (c. 1074-1075), mas isto não nos interessa neste contexto.*

No Ocidente, tende-se a estabelecer uma clara linha divisória entre homens de pensamento e homens de ação. Ao escrever isto, surgem à mente os nomes de alguns soldados-poetas e artesãos-filósofos, embora estes sejam raros. Não tem sido assim no Oriente. Omar, o fabricante de tendas, Attar, o farmacêutico, surgem à mente como par nobile fratrum, e que melhores exemplos poderiam citar-se do que Omar, o Mugherl (que tem sido por vezes confundido com o nosso Omar), "o nobre, o guerreiro, o libertino, mas acima de tudo o poeta—o Don Juan de Meca, o Ovídio da Arábia e do Oriente—Omar, o Mugherl, neto de Abu-Rabi'ah," e, sobretudo, Husain Ibn Sina, conhecido no mundo ocidental como Avicena, o filósofo, médico, metafísico, poeta e místico, cujas obras, variadas quase até ao infinito em forma e conteúdo, ocuparam as tipografias da Europa (como pode ser comprovado ao consultar as bibliografias) do fim do século XV, atravessando o século XVI, até ao início do século XVII, quase excluindo poetas e cientistas contemporâneos.

Nasceu em 980 d.C., em Bucara, filho de um cobrador de impostos persa, e morreu em 1036, e a sua fama relativamente recente poderá ter impulsionado a ambição do jovem Omar; porém, a sua fama apresenta este contraste com a de Omar: a sua ciência viveu, e vive eternamente, enquanto a sua poesia está relegada ao Valhalla do verso pré-histórico, ao passo que a ciência de Omar é negligenciada, existindo apenas para curiosos na obra "Algebre d'Omar al Khayyami, traduite et accompagnée d'extraits de MSS. inédits" (Paris, 1851, Woepcke), enquanto os seus "Ruba'iyat" adquiriram um lugar de destaque entre os poemas clássicos. O professor Pickering (loc. cit.) abordou habilmente este aspeto da fama de Omar.

4. A. Houtum-Schindler, numa carta ao Academy (24 de janeiro de 1885), afirma que Omar morreu em 1124 d.C., com mais de cem anos; contudo, não indica a sua fonte para esta informação.

Não cabe aqui abordar os princípios fundamentais da sua religião e filosofia; este é um campo que já foi lavrado (e cultivado) por eminentes estudiosos da história e problemas filosóficos; os professores Cowell, Pickering e o Sr. Schutz-Wilson, nos artigos mencionados acima, discutiram e expuseram o tema sob diversos pontos de vista. O Sr. Whinfield ofereceu-nos, na sua "Introdução", um magistral resumo sobre o assunto. Penso que cada estudioso de Omar interpreta os quartetos deste poeta segundo a sua própria filosofia favorita e em conformidade com as suas próprias crenças religiosas.

6. W. G. Palgrave na Fraser's Magazine, abril de 1871, "Arabiana". Aos curiosos recomenda-se a obra "'Umar ibn Abi Rebi'a, ein arabischer Dichter der Umajjadenzeit," por I. Schwarz. Leipzig, 1890. Este Omar nasceu no ano 644 d.C.

Para mim, Omar foi ao mesmo tempo um agnóstico transcendental e um pessimista ornamental, nem sempre sustentado (como seria natural, considerando a era de histeria religiosa em que viveu) pela coragem das suas próprias opiniões—a este respeito, penso que Shahrastani compreendeu bem a sua postura peculiar—mas profundamente imbuído da possível beleza do mundo presente, independentemente de quaisquer especulações ulteriores, e da busca eterna e infindável pelo conhecimento absoluto da verdade.

Este traço da sua personalidade conduziu-o frequentemente a uma espantosa obscuridade metafórica, uma obscuridade, porém, que um tradutor moderno dificilmente censura ao refletir que, na maioria das vezes, foi essa a intenção deliberada do poeta. A sua postura recorda-nos, como observou um escritor da Fraser's Magazine em junho de 1870, o dito do filósofo francês Royer-Collard, segundo o qual a filosofia é a arte de remontar a ignorância humana à sua origem.

Um ponto que chama particularmente a atenção, após o estudo de centenas de quartetos compostos por ele, ou atribuídos a ele, é que, embora a imagética sensual inseparável das belas-letras persas esteja abundantemente presente na sua obra, esta se encontra singularmente livre daquela grosseria—daquela abundância de ilustrações ignóbeis e anedotas licenciosas que tornam praticamente todos os poemas e romances persas inadequados a ouvidos sensíveis numa versão não expurgada. "Encontramos nos seus versos", diz o professor Cowell, "um caráter totalmente distinto daquele que poderíamos naturalmente esperar do padrão de pensamento dominante da época em que viveu... Todos os outros poetas..."

1. *O Sr. W. L. Phelps, num artigo notável em The New Englander (New Haven, Conn.), vol. xlix., 1888, estabelece um paralelo erudito entre Omar e Schopenhauer.*
2. *Vide "Académie de Paris. Faculté des Lettres. Cours de l'Histoire de la Philosophie Moderne. Première leçon de la troisième année." P. P. Royer-Collard.*

A Pérsia escreveu demasiado — até mesmo os seus filhos mais nobres de génio cansam com a sua prolixidade. A língua tem uma facilidade fatal para a rima, o que torna mais fácil escrever em verso do que em prosa, e cada autor empilha volume sobre volume, até se enterrar a si próprio e ao seu leitor sob o seu peso. O nosso matemático é a única exceção solitária. Deixou menos versos do que Gray.

Se não fosse pelo facto de que instintivamente se recua diante da ideia de estabelecer sequer uma breve comparação entre Omar e o falecido Sr. Tupper, poder-se-ia incliná-lo a escrever como sendo o Sultão dos filósofos proverbiais, um atributo que é geralmente acentuado pela falta de sequência de ideias, algo inseparável da forma diwan de arranjo poético, em que os **quartetos** seguem uns aos outros estritamente de acordo com a sequência alfabética das terminações das rimas, sem consideração pela série de pensamentos expressos ou pelas imagens evocadas.

Uma das principais dificuldades que enfrenta o estudante de Omar Khayyam é a grande incerteza e dúvida sobre quais dos *ruba'iyat* nos chegaram numa forma mais próxima daquela em que saíram das mãos do mestre. Uma busca diligente nas cidades mais antigas da Ásia Central, onde o persa é a língua, ou pelo menos o estudo requintado das classes mais cultas, poderá trazer à luz algum manuscrito que possa ser razoavelmente considerado como um “Códice” e servir como ponto de partida para o estudante.

No momento, o manuscrito mais antigo disponível para estudo é o do ano A.H. 865 (A.D. 1460), que se encontra na Biblioteca Bodleiana, em Oxford, e que é reproduzido por fotografia, transcrito e traduzido no presente volume. Foi descoberto entre uma massa não catalogada de manuscritos orientais, que formavam a coleção *Ouseley*, em 1856, pelo Professor Cowell, que fez uma transcrição do mesmo. Esta transcrição encontra-se diante de mim e tem sido de enorme auxílio na decifração do manuscrito.

O manuscrito original é provavelmente um dos mais belos manuscritos persas da sua época ainda existentes e foi escrito sobre papel amarelo espesso, com tinta preta-púrpura, profusamente salpicado de ouro.

De acordo com o Catálogo, está escrito em Nasta'lik, mas eu diria que se encontra num estilo a meio caminho entre Nasta'lik e Shikasta — Nim-Shikasta. Existem três classes predominantes ou tipos de caligrafia sob as quais é habitual classificar os manuscritos orientais: Naskh, Nasta'lik e Shikasta.

- *Naskh é equivalente aos caracteres modernos de impressão perfeita;*
- *Nasta'lik é pequeno e cursivo, mas de uma execução belíssima, correspondendo à nossa escrita em "cobre-gravado";*
- *Shikasta (isto é, "quebrado") é a escrita corrente usada para a escrita comercial e correspondência quotidiana.*

Para decifrá-la, é necessário um conhecimento vasto da língua, de todos os seus idiomas e inflexões. Estes três estilos estão excelentemente ilustrados na Gramática de Sir William Jones.

As manchas de ouro confundiram frequentemente o artífice que criou os blocos de linhas que acompanham a minha tradução. Um outro elemento de dificuldade foi introduzido pelo facto de os pontos muitas vezes se fundirem com as margens e, por isso, se tornarem invisíveis nos blocos de linha. No entanto, os meus editores, com grande generosidade, providenciaram ainda um conjunto de blocos em meio-tom, que o estudante apreciará totalmente, pois neles todos os mais ténues detalhes do original são reproduzidos com exatidão absoluta.

A permanência da tinta é extraordinária, sendo as únicas áreas onde desbotou algumas partes das margens e no cabeçalho formal dJUbil ("e o mesmo") que aparece acima de cada quarteto. A evidência interna sugere que as margens e os cabeçalhos foram adicionados posteriormente com uma tinta diferente, o que explicaria este facto.

O escriba foi excecionalmente cuidadoso no seu trabalho, mesmo para um persa (elogio maior não poderia haver), mas, ainda assim, os pontos diacríticos foram omitidos aqui e ali; estes foram por mim acrescentados na transcrição.

> *2. Em nenhum outro país a arte da caligrafia foi levada a um nível tão elevado e tão altamente honrada como na Pérsia. Os seus manuscritos são ornamentados com miniaturas maravilhosas, o papel é salpicado de prata e ouro, e frequentemente perfumado com as mais caras essências. (Cfr. o "manuscrito perfumado da juventude" de Fitzgerald). Sir William Jones registou a sua opinião de que o manuscrito de Yusuf e Zuleika, em Oxford (n.º 1 da coleção Greaves), é o manuscrito mais belo do mundo. No entanto, desde que ele escreveu isto, muitos outros manuscritos de beleza igualmente extraordinária vieram à luz, e cópias do* ***Alcorão*** *podem ser encontradas em mesquitas orientais com um trabalho artístico inigualável.*

O erudito Fakr-ud-din Rasi, ao falar do califa Mustassim Billah, não consegue encontrar elogio maior do que dizer: *"Ele sabia o Alcorão de cor e a sua caligrafia era muito bela."* Alguns dos mais belos manuscritos persas que existem podem ser encontrados na biblioteca da Asiatic Society, em Londres, e no British Museum, onde algumas das melhores peças costumam estar expostas na King's Library.

A seguir, em termos de antiguidade, vêm os manuscritos da Bibliothèque Nationale, em Paris, que examinei cuidadosamente antes de submeter estas páginas para impressão. Há três manuscritos principais: um, o n.º 349 do *Ancien Fonds*, e dois, os n.ºs 823 e 826 do *Supplement Persan*. O primeiro, datado de A.H. 920 (A.D. 1514), é lindamente escrito em Nasta'lik, entre linhas azuis e douradas, e com um cabeçalho ornamental em vermelho, azul e dourado. Contém 213 ruba'iyat.

O segundo manuscrito faz parte de uma grande coleção de poemas transcritos pela mesma mão, cuja folha final traz a seguinte inscrição: *"A cópia destes quartetos foi concluída com a ajuda de Deus e pela excelência da Sua assistência, no décimo quinto dia do mês de Jumada, o segundo do ano 934"* (ou seja, 16 de fevereiro de 1528).

Este manuscrito está escrito em Nasta'lik, entre margens delimitadas a azul, e apresenta, como o primeiro citado, a particularidade de os ruba'iyat não estarem ordenados alfabeticamente nem em ordem de *diwan*. O terceiro manuscrito também faz parte de uma coleção de poemas, datado de A.H. 937 (A.D. 1530), escrito num Nasta'lik cuidadoso, mas com uma caligrafia turca extremamente difícil de ler.

Outro manuscrito nesta biblioteca foi mencionado, mas Monsieur Omont, responsável pelos manuscritos orientais, informou-me que está desaparecido há muitos anos. Além disso, há oito ruba'iyat escritos numa caligrafia do final do século IX ou início do século X A.H., em folhas em branco de um *diwan* de Emad, datado de A.H. 920; seis ruba'iyat de um manuscrito do século XI, inseridos numa coleção de poemas sem data; e trinta e um ruba'iyat num fino manuscrito do Atash Kadah de Azr, datado de A.H. 1217 (A.D. 1802), no colofão do qual Azr é descrito como *"afsah dl mu'asirln"* ("o mais eloquente dos contemporâneos"), indicando que ainda estava vivo na época.

3. Por exemplo, nos quartetos 20, 50, 99, 112, 130, entre outros.

Observa-se, assim, que o manuscrito da Bodleiana não é apenas o manuscrito mais antigo conhecido, mas também o único que está completo em si mesmo, não fazendo parte de uma coleção incluída num bayaz ou livro de anotações diversas. É também o único manuscrito que vi no qual os ruba'iyat estão dispostos com as quatro linhas de cada quarteto umas abaixo das outras, e não em duas linhas transversais na página, contendo cada uma um bait.

Existem numerosos manuscritos mais tardios em várias bibliotecas públicas, nos quais o número de quartetos aumenta devido à adição de um grande volume de variações dos quartetos encontrados nos manuscritos mais antigos, ou de meras repetições. Esse fenómeno chega ao seu auge no manuscrito moderno da Universidade de Cambridge, onde o número de ruba'iyat atinge o alarmante total de 801.

Dentre estes, o mais valioso e interessante é, a meu ver, o manuscrito n.º 1548 na biblioteca da Bengal Asiatic Society, em Calcutá, sendo de especial interesse para os estudantes ingleses, pois foi uma das principais fontes consultadas pelo Professor

Cowell ao escrever o seu artigo na *Calcutta Review* e utilizada por Edward Fitzgerald na construção do seu poema. O Professor Cowell teve a amabilidade de me disponibilizar a sua cópia deste manuscrito para a elaboração deste trabalho.

Esta cópia foi feita por um escriba indiano e, em muitos trechos, exibe sinais de descuido, fadiga e pressa na transcrição. O próprio Professor Cowell escreveu-me uma carta (datada de 31 de dezembro de 1896) dizendo:

"Emprestar-lhe-ei a minha cópia do manuscrito de Calcutá. Está mal escrita, pois naquela época ainda não tinha encontrado um bom escriba – o mesmo homem fez cópias tanto para Fitzgerald como para mim."

Quase tão importantes quanto os manuscritos são as edições litografadas de Teerão, Calcutá, Lakhnaú, Bombaim e Tabriz, sendo desta última que Monsieur Nicolas fez a sua versão impressa, e da primeira que o Professor [...]

1. *Encontrei quartetos repetidos até mesmo no manuscrito de Paris A.H. 934 (por exemplo, os quartetos 154 e 172).*
2. *Não me caberia criticar de forma negativa um trabalho tão valioso e, em muitos aspetos, tão erudito como o de Monsieur Nicolas, mas deve admitir-se que a exatidão da sua tradução, em muitos trechos, deixa a desejar. Onde o significado é especialmente obscuro, ele geralmente evita a tradução direta e limita-se a transmitir a intenção do original.*

Além disso, a assistência que Mr. McCarthy aparentemente recebeu da tradução de Monsieur Nicolas, conforme se pode deduzir por evidências internas, fez com que as mesmas observações sejam aplicáveis à sua versão em prosa. Monsieur Nicolas era essencialmente um sufi e sempre que podia impunha interpretações sufistas, atribuindo um significado místico ou divino a passagens de Omar que eram claramente materialistas, como uma espécie de tentativa de justificar a *"sensualidade por vezes revoltante"*, que se tornou proverbial entre os estudiosos de Omar.

Edward Fitzgerald abordou extensivamente essa "debilidade amável" (se assim se pode chamar) no prefácio da sua segunda e subsequentes edições. O leitor pode consultar as notas 5 da página 105, 5 da página 143, 1 da página 170, 4 da página 171 e 2 da página 183 da tradução de Nicolas, para citar apenas cinco de muitas notas desse género.

Zchuchovsky, de São Petersburgo, fez a sua edição litografada. Estas edições estão devidamente referenciadas nas Referências Bibliográficas (p. 115) e na Bibliografia (p. 281). Para o estudante europeu, o texto e a tradução de Monsieur Nicolas são provavelmente os melhores, embora, como texto isolado, a edição de Mr. Whinfield, publicada pela editora Trübner em 1883, seja insuperável.

Mr. Whinfield compilou o seu texto a partir da comparação do manuscrito da Bodleiana, do manuscrito de Calcutá, dos dois manuscritos do India Office, das litografias de Calcutá e Lucknow e das edições impressas de MM. Blochmann e Nicolas. Pode parecer indelicado minimizar um texto tão valioso numa nota de rodapé (por assim dizer), mas tendo em conta as enormes variações entre os diferentes textos, é lamentável que Mr. Whinfield não tenha seguido um sistema de numeração dos quatrains nas suas fontes, poupando assim ao estudante conscienciosо uma enorme quantidade de trabalho árduo.

Uma coleção muito interessante de quartetos atribuídos a Omar está incluída no Atash Kadah de Hajji Lutf Ali Beg de Isfahan, conhecido como Azr, um verdadeiro *panteão da poesia persa*. Esta coleção contém trinta e um quartetos, dos quais dez estão representados no manuscrito da Bodleiana, enquanto os outros vinte e um são de origem diferente e, provavelmente, posterior. Já foram mencionados os manuscritos parisienses desta obra.

Azr só nasceu em A.D. 1722, e os seus "novos" quartetos são, no geral, muito inferiores aos deste manuscrito. Tudo parece indicar que os quartetos foram multiplicados em cada manuscrito sucessivo por escribas inescrupulosos, que os repetiam descaradamente, com ou sem pequenas variações, possivelmente porque eram pagos "à peça"; por opositores religiosos, que ou alteravam os quartetos para se alinharem com as suas próprias crenças ou acrescentavam novos para responder a versos que consideravam inaceitáveis; e por editores que procuravam conferir mais importância ao seu trabalho através do simples volume da obra.

Nota: Deve-se ter em mente que, nos manuscritos e edições litografadas, os ruba'iyat nunca são numerados. Assim, quando neste volume faço referência a números, refiro-me aos que eu próprio atribuí nas minhas cópias para facilitar a consulta. Portanto, se Mr. Whinfield tivesse numerado a sua edição litografada de Lucknow, por exemplo, os seus números seriam diferentes dos meus, uma vez que utilizei uma edição mais recente, contendo mais ruba'iyat do que a dele.

A cópia de Mr. Whinfield da litografia de Lucknow, impressa em 1868, contém 716 quartetos; a edição de 1878 contém 763; e a minha própria cópia, uma reedição litografada em 1894, contém 770.

Mrs. Jessie E. Cadell, que dedicou a sua curta e lamentavelmente interrompida vida ao estudo dos quartetos de Omar Khayyam, publicou os resultados do seu trabalho na *Fraser's Magazine* (maio de 1879). Ela comparou todas as fontes disponíveis em bibliotecas públicas europeias e encontrou mais de 1.200 quartetos distintos atribuídos a Omar Khayyam.

Tentei compilar um catálogo das fontes disponíveis para o estudante na Apêndice Bibliográfica. *Passons outre.*

Nota: As palavras escritas em *itálico* não estão propriamente representadas no texto persa, mas foram inseridas para converter a forma de expressão oriental numa forma ocidental.

OS VERSOS

1

Se nunca enfileirei a pérola do Teu serviço,
ao menos nunca limpei o pó do pecado do meu rosto;
sendo assim, não estou desesperado da Tua misericórdia,
pois nunca disse que Um era Dois.

2

Se Te revelo os meus pensamentos secretos numa taverna,
é melhor do que fazer as minhas devoções diante do **Mihrab** sem Ti.
Ó Tu, o primeiro e o último de todos os seres criados!
Queima-me, se quiseres, ou protege-me, se quiseres.

3

No que depender de ti, não censures os bêbados,
abandona a hipocrisia e o fingimento;
se daqui em diante desejares repouso nesta tua vida,
não evites, nem por um instante, os humildes.

4

No que depender de ti, não causes dor a ninguém,
nem faças ninguém sofrer com a tua ira;
se desejas a paz eterna,
sofre tu sempre e não atormentes ninguém.

5

Já que ninguém te garante um amanhã,
faz feliz agora este teu coração apaixonado;
bebe vinho ao luar, ó Lua, pois a lua
nos procurará por muito tempo e não nos encontrará.

6

O **Alcorão**, que os homens chamam de a Palavra Suprema,
é lido apenas de tempos a tempos, e não continuamente,
mas nos traços do copo está gravado um texto
que se lê a toda a hora e em todo o lugar.

7

Aqui estamos; e o vinho está, e o banco de beber está,
e os nossos corpos embriagados estão;
indiferentes às esperanças de misericórdia e aos medos de castigo;
as nossas almas, os nossos corações, os nossos cálices e as nossas vestes
estão cheios do resíduo do vinho,
independentes da terra, do ar, do fogo e da água.

8

Nesta vida, é melhor que faças poucos amigos;
o convívio distante com os outros é prudente;
aquele em quem confias inteiramente,
quando o examinas de perto, é teu inimigo.

9

Este jarro foi outrora um amante lamentoso, como eu sou,
e perseguiu alguém de rosto belo;
esta asa que vês na sua alça
é um braço que outrora rodeou o pescoço de um amigo.

10

Ai de quem não sente paixão no coração,
de quem não é enfeitiçado pelo amor que alegra a alma!
O dia que passas sem amor
é o dia mais inútil da tua vida.

11

Sendo esta a estação da minha juventude,
quero vinho, pois dele vem a minha felicidade.
Não me censures, pois, mesmo amargo, ele é doce,
e amarga é apenas a vida que ele simboliza.

12

Hoje não tens poder sobre o amanhã,
e a ansiedade pelo futuro é-te inútil;
não desperdices este momento, a não ser que estejas louco,
pois o valor do que resta desta vida é incerto.

13

Agora que há uma possibilidade de felicidade no mundo,
todos os corações vivos anseiam pelo deserto,
em cada ramo aparece a mão de Moisés,
em cada brisa há o suspiro do hálito de Jesus.

14

Para aquele a quem o fruto da árvore da verdade não cresceu,
a razão é que não é firme no Caminho.
Todo aquele que abanou com a mão o frágil ramo do conhecimento
sabe que hoje é como ontem, e que amanhã será como o Primeiro Dia da Criação.

15

Já no Dia da Criação, além dos céus, a minha alma
procurou a Tábua, a Pena, o Paraíso e o Inferno;
até que o Mestre me disse, com o Seu julgamento iluminado:
"Tábua e Pena, Paraíso e Inferno estão dentro de ti."

16

Levanta-te e dá-me vinho—não é tempo de palavras!
pois esta noite a tua pequena boca preenche todas as minhas necessidades;
dá-me vinho, cor de rosa como as tuas faces,
pois este meu arrependimento está tão embaraçado como os teus caracóis.

17

A brisa primaveril sopra docemente no rosto da rosa,
na sombra do jardim, um rosto adorado resplandece;
nada do que digas sobre o passado é doce,
sê feliz e não fales de ontem, pois o hoje é doce.

18

Até quando lançarei tijolos sobre a superfície do mar?
Estou farto dos idólatras do pagode.
Khayyam! Quem pode dizer que irá para o inferno?
Quem alguma vez foi ao inferno e quem alguma vez voltou do céu?

19

Os elementos de um copo, criado para conter vinho,
um bebedor não permitirá que sejam dispersos;
todas estas cabeças e pés delicados—
por amor de quem foram feitos?
Por ódio de quem deveriam ser destruídos?

20

Como a água num grande rio e como o vento no deserto,
mais um dia se escoa do tempo da minha existência;
nunca me preocupei com dois dias:
o dia que ainda não chegou e o dia que já passou.

21

Visto que o meu nascimento não foi escolha minha no Dia da Criação,
e que a minha partida indesejada é um destino já traçado,
levanta-te e aperta bem o cinto, ó ágil Copo-mestre,
pois lavarei no vinho a miséria do mundo.

22

Khayyam, que cosia as tendas da sabedoria,
caiu na fornalha do sofrimento e subitamente ardeu;
as tesouras do destino cortaram a corda da sua existência,
e o mercador da esperança vendeu-o por um mero cântico.

23

Khayyam, por que lamentas assim os teus pecados?
De tanto sofrimento, que vantagem, maior ou menor, tiras?
A misericórdia nunca foi para quem não peca,
a misericórdia existe por causa do pecado—por que lamentar, então?

24

Na cela, na madraça, no mosteiro e na sinagoga
estão os que temem o inferno e os que buscam o paraíso;
mas quem conhece os segredos de Deus
não planta tais sementes no seu coração.

25

Se, na estação da primavera, um ser de forma de *houri*
me oferecer, na margem verdejante de um campo, uma taça cheia de vinho,
(ainda que este dizer possa parecer chocante a muitos)
um cão vale mais do que eu se, a partir desse momento, pronunciar o nome do céu.

26

Sabe disto—serás separado da tua alma,
passarás para além do véu dos segredos de Deus.
Sê feliz—não sabes de onde vieste;
bebe vinho—não sabes para onde vais.

27

Adormeci, e a sabedoria disse-me:
— "Nunca do sono desabrochou a rosa da felicidade para alguém;
porque fazer algo que é parente da morte?
Bebe vinho, pois dormirás durante séculos."

28

O meu coração disse-me: — "Tenho sede de conhecimento divino;
ensina-me, se fores capaz."
Disse-lhe o *Alif**. O meu coração respondeu: — "Diz mais nada.
Se Um está na casa, basta uma só letra."

**NT: Símbolo da Unidade Absoluta.*

29

Ninguém pode passar além do véu que esconde o segredo,
a mente de ninguém pode compreender o que lá está;
fora do seio da terra, não temos refúgio.
Bebe vinho, pois tal conversa não tem fim.

30

O mistério deve ser ocultado de todos os ignóbeis,
e os segredos devem ser guardados dos tolos.
Reflete sobre as tuas ações para com os teus semelhantes:
as nossas esperanças devem ser escondidas de toda a humanidade.

31

Desde o princípio foi escrito o que será;
incessantemente a Pena escreve, indiferente ao bem e ao mal;
no Primeiro Dia foi decretado tudo o que deve acontecer—
o nosso luto e os nossos esforços são vãos.

32

Na primavera, à beira do rio ou na margem do campo,
com alguns amigos e uma companheira de forma de *houri*,
traz o cálice, pois aqueles que bebem ao amanhecer
são livres da mesquita e desobrigados da sinagoga.

33

A abóbada celestial é o cinto do meu corpo exausto,
o *Jihun****** é um regato cavado pelas minhas lágrimas filtradas,
o inferno é uma centelha dos meus tormentos inúteis,
o paraíso é um instante em que encontro paz.

*******NT: Jayhoun, símbolo aqui da efemeridade da vida.*

34

Dizem que o jardim do Éden é agradável às houris;*
eu digo que o sumo da uva é ainda mais doce.

Agarra-te ao dinheiro à vista e deixa o crédito,
pois o som dos tambores, irmão, só é agradável ao longe.

**NT: Virgens etéreas comparáveis às ninfas da mitologia greco-romana, que são reservadas aos bem-aventurados no paraíso.*

35

Bebe vinho, pois dormirás longamente sob a terra,
sem amigo íntimo, sem companheiro, sem esposa;
tem cuidado, não reveles este segredo oculto a ninguém:
as túlipas que murcharam nunca voltarão a florescer.

36

Bebe vinho, pois ele é a vida eterna,
é o teu único ganho nos dias da juventude;
uma estação de rosas, de vinho e de companheiros embriagados—
sê feliz por um momento, pois *isso* é a vida!

37

Dá-me vinho, bálsamo para o meu coração ferido,
companheiro fiel dos que traficam com o amor;
para mim, os resíduos de um único gole valem mais
do que a cúpula do céu, oco como um crânio vazio.

38

Bebo vinho, e os meus inimigos, à esquerda e à direita,
dizem-me: — "Não bebas vinho, pois ele é o inimigo da religião."
Quando soube que o vinho era o inimigo da religião,
disse: — "Por Deus! Deixai-me beber o sangue do inimigo, pois isso é lícito."

39

O vinho é um rubi derretido, e o copo é a sua mina;
o copo é um corpo, e o vinho é a sua alma;
esse copo de cristal, a transbordar de vinho,
é uma lágrima onde o sangue do coração está oculto.

40

Não sei se quem me moldou
me destinou ao paraíso ou ao inferno temível,
mas um pouco de pão, um amor adorado e vinho, sobre a relva verde,
são o meu dinheiro em mão—fica tu com o crédito-céu!

41

O bem e o mal que há na natureza do homem,
a felicidade e a miséria que nos foram predestinadas—
não os atribuas aos céus, pois, no caminho da Sabedoria,
os céus são mil vezes mais impotentes do que tu.

42

Quem plantou a folha do amor no coração,
não desperdiçou um só dia da sua vida;
ou busca alcançar a aprovação de Deus,
ou escolhe o conforto do corpo e ergue o cálice de vinho.

43

Em todo o lugar onde houve um canteiro de rosas ou de túlipas,
foi derramado o sangue rubro de um rei;
todo o rebento de violeta que brota da terra
é um sinal que outrora adornou a face de uma beleza.

44

Sê prudente, pois os meios de vida são incertos;
tem cuidado, pois a espada do destino é afiada.
Se a fortuna te colocar doces de amêndoa na boca,
tem cuidado! Não os engulas, pois o veneno está misturado neles.

45

Um jarro de vinho e os lábios de um amor, à beira do campo semeado—
foram estes que me roubaram o dinheiro, e a ti o crédito.
Toda a raça humana está empenhada no céu ou no inferno,
mas quem alguma vez foi ao inferno, e quem alguma vez voltou do céu?

46

Ó tu, cujo rosto é moldado à semelhança da rosa brava,
cujo semblante foi talhado como o dos ídolos chineses,
ontem, o teu olhar amoroso revelou ao Xá da Babilónia
os movimentos do Cavaleiro, da Torre, do Bispo, do Peão e da Rainha.

47

Já que a vida passa, que importa Bagdade ou Balque?
Quando a taça está cheia, que importa se o vinho é doce ou amargo?
Bebe vinho, pois muitas vezes, depois de ti e de mim, esta lua
passará do último dia do mês para o primeiro, e do primeiro para o último.

48

Dentre os que extraem o vinho puro da tâmara
e os que passam a noite em oração,
nenhum está em terra firme, todos estão na água.
Um está desperto; os outros dormem.

49

Este intelecto, que vagueia pelos caminhos da felicidade,
repete-te cem vezes ao dia:
— "Compreende, neste breve instante da tua existência,
que não és como as ervas que, ao serem colhidas, brotam de novo."

50

Os que são escravos do intelecto e do excesso de raciocínio
perecem em disputas sobre a existência e a inexistência.
Vai, ó ignorante, e escolhe antes o sumo da uva,
pois os ignorantes, de tanto comerem passas secas, tornaram-se como uvas verdes.

51

A minha vinda nada acrescentou à esfera celeste,
e a minha partida não lhe aumentará a beleza ou a dignidade.
Jamais alguém me disse ao ouvido
qual o propósito desta minha ida e vinda.

52

Devemos apagar-nos no caminho do amor,
devemos ser aniquilados nas garras do destino.
Ó doce Copo-mestre, não fiques inativo,
dá-me vinho, pois em pó me tornarei.

53

Agora que nada resta da nossa felicidade além do nome,
o único amigo antigo que nos resta é o vinho novo.
Não recuses à tua mão alegre a taça de vinho,
pois hoje nada mais temos ao alcance além do copo.

54

O que a Pena escreveu jamais se altera,
e o sofrimento apenas resulta em aflição profunda;
ainda que passes a vida inteira em angústia,
nenhuma gota se somará ao que já está destinado.

55

Ó coração, por um momento, evita a companhia dos efémeros,
abandona por um tempo o comércio do amor.
Frequentando os umbrais dos Dervishees,
talvez por um instante sejas aceito entre os aceites.

56

Aqueles que enfeitam os Céus por um breve instante,
vêm e vão, e regressam à medida que o tempo passa.
No regaço do Céu e no seio da Terra,
existem criaturas que, enquanto Deus não morrer, continuarão a nascer.

57

Os que fundamentam as suas crenças na hipocrisia
vêm e traçam distinções entre corpo e alma.
Pois bem! Colocarei o jarro de vinho sobre a minha cabeça,
se, ao fazê-lo, me puserem um pente na cabeça, como se eu fosse um galo!

58

Os corpos que povoam esta abóbada celestial
confundiram até os mais sábios.
Cuidado para não perderes o fio da sabedoria,
pois até os que comandam os astros se tornam tontos.

59

Não sou daqueles que temem o fim da sua existência,
pois esse outro lado parece-me mais agradável do que este.
Esta vida é um empréstimo de Deus,
e quando chegar a hora, devolver-lha-ei.

60

Esta caravana da vida passa misteriosamente,
aproveita o instante que passa feliz!
Copo-mestre, por que te afliges com o amanhã dos teus senhores?
Dá-nos uma taça de vinho, pois a noite esvai-se.

61

Embora velho, o meu amor por ti enredou-me numa armadilha;
se assim não fosse, por que seguraria eu esta taça de vinho de tâmara?
A minha amada destruiu o arrependimento que a razão criou,
e as estações que passam rasgaram o manto que a paciência costurou.

62

Embora o vinho tenha rasgado o meu véu,
enquanto tiver alma, dele não me separarei.
Pergunto-me o que há na mente dos **vinhateiros**,
pois, afinal, que comprarão eles que seja melhor do que o que vendem?

63

Tanta generosidade e bondade no princípio, por quê?
E aquele sustento repleto de delícias e mimos, por quê?
Agora, só te esforças por afligir o meu coração.
Afinal, que mal fiz eu? Mais uma vez pergunto—por quê?

64

Que na minha mente habite o desejo por ídolos de beleza celestial,
e que na minha mão esteja sempre o sumo da uva.
Dizem-me: — "Que Deus te conceda arrependimento!"
Mas Ele próprio não mo dará, e eu não o quero—que fique longe!

65

Na taberna, não se pode fazer a ablução senão com vinho,
e não se pode purificar uma reputação manchada.
Sê feliz, pois este nosso véu de temperança
está tão rasgado que já não pode ser remendado.

66

Vi, sobre o terraço de uma casa, um homem sozinho,
que pisava a argila com desprezo.
Essa argila disse-lhe, numa linguagem mística:
— "Fica quieto, pois, como eu, serás muito pisado."

67

O dia é agradável, nem quente nem frio,
a chuva lavou o pó dos rostos das rosas.
O rouxinol, na língua *Pehlevi*,
clama incessantemente à rosa amarela: — "Deves beber vinho!"

68

Antes que o destino golpeie a tua cabeça,
manda trazer vinho da cor das rosas.
Não és um tesouro, ó tolo descuidado,
para que te enterrem na terra e depois te desenterrem de novo.

69

Cuida de me suster com a taça de vinho,
e de transformar este rosto de âmbar num rubi.
Quando eu morrer, lava-me com vinho,
e das vinhas faz as tábuas do meu caixão.

70

Ó Xá! O teu destino atribuiu-te a soberania,
e selou para ti o cavalo do império.
Quando o teu corcel de casco dourado cavalgou,
ao tocar a terra, tornou-a dourada.

71

O amor que se baseia apenas em palavras não tem valor,
como um fogo quase extinto, não dá calor.
Um verdadeiro amante, durante o mês, o ano, a noite e o dia,
não conhece descanso, nem paz, nem alimento, nem sono.

72

Ninguém desvendou os intrincados mistérios da eternidade,
ninguém colocou os pés para além da órbita dos céus.
Pois, tanto quanto vejo, do aprendiz ao mestre,
todos os nascidos de mulher são impotentes.

73

Modera os teus desejos pelas coisas do mundo e vive contente,
rompe os laços da tua dependência do bem e do mal da vida.
Toma o vinho na mão e brinca com os caracóis do teu amor,
pois tudo passa rapidamente—e quantos desses dias ainda restam?

74

Os céus fazem chover pétalas das nuvens,
podes dizer que elas caem no jardim como uma dádiva.
Na taça, em forma de lírio, eu derramo vinho rosado,
como as nuvens violetas derramam jasmim.

75

Bebo vinho, e todo aquele que, como eu, é digno, também bebe.
O meu beber é um assunto pequeno para Ele.
Deus sabia, no Dia da Criação, que eu beberia vinho;
se eu não beber vinho, então o conhecimento de Deus foi ignorância.

76

Não permitas que a tristeza te envolva,
nem que uma dor vã ocupe os teus dias.
Não abandones o livro, os lábios do amado e a relva do campo,
antes que a terra te envolva no seu seio.

77

Bebe vinho, que dissipará as tuas abundantes mágoas,
e afastará o pensamento das Setenta e Duas Seitas.
Não evites o alquimista, pois com um único gole que tomes dele,
ele banirá mil calamidades.

78

Mesmo que o vinho seja proibido, tudo depende de quem o bebe,
em que quantidade e com quem o bebe.
Se estas três condições forem como devem ser,
quem senão um sábio há de beber vinho?

79

Bebe vinho, pois o teu corpo se tornará pó na terra,
e essa terra, depois disso, se tornará cálices e jarros.
Sê indiferente ao inferno e ao paraíso,
por que razão um sábio se deixaria enganar por tais coisas?

80

Agora é o tempo em que a brisa da primavera enfeita o mundo,
e, na esperança da chuva, tudo abre os olhos.
As mãos de Moisés surgem como espuma sobre os ramos,
o sopro de Jesus brota da terra.

81

Cada gota que o *Copo-mestre** espalha sobre a terra
apaga o fogo da angústia em algum olhar aflito.
Louvado seja Deus! Tu compreendes que o vinho
é um néctar que liberta o coração de cem dores.

NT: Aquele que serve o vinho na taberna.

82

Cada manhã, o orvalho adorna os rostos das túlipas,
as violetas no jardim inclinam-se humildemente.
Mas, para mim, nada é mais belo
do que o botão de rosa que se fecha em si mesmo.

83

Amigos, quando vos reunirdes em alegre encontro,
convém que recordeis calorosamente o vosso amigo.
Quando beberdes vinho puro em boa companhia,
e chegar a minha vez, vireis uma taça ao contrário.

84

Amigos, quando de comum acordo vos reunirdes,
e vos alegrarem os encantos uns dos outros,
quando o Copo-mestre servir o vinho dos Mugh,*
lembrai-vos, na vossa bênção, de um pobre sem amparo.

**NT: Mugh (ou Magh) refere-se aos Magos (*Magi*), sacerdotes do zoroastrismo na antiga Pérsia. Os Magos eram conhecidos por sua sabedoria, conhecimento astrológico e papel religioso na sociedade persa pré-islâmica.*

85

Uma taça de vinho vale cem corações e cem religiões,
um gole de vinho vale o império da China.
Fora o vinho rubi, não há coisa amarga no mundo
que valha mil doces almas.

86

Se desejas Ele, afasta-te da esposa e dos filhos,
abandona corajosamente o teu lar, os teus parentes e amigos.
Tudo o que existe é um obstáculo no teu caminho,
como poderás avançar com tais fardos?—livra-te deles!

87

Traz-me esse rubi num copo de cristal,
traz-me esse companheiro e confidente de todos os nobres corações.
Já que sabes que a duração deste mundo terreno
é um vento que passa rapidamente,—traz-me vinho!

88

Levanta-te! Traz remédio para este coração oprimido,
traz-me esse vinho perfumado de almíscar e cor de rosa.
Se procuras o antídoto para os elementos da tristeza,
traz-me vinho rubi e o alaúde de cordas de seda.

89

Vi ontem um oleiro no bazar,
que golpeava violentamente o barro fresco.
E esse barro disse-lhe, numa linguagem mística:
— "Eu já fui como tu—trata-me bem."

90

Bebe desse vinho que é a vida eterna,
ele é o estoque do prazer da juventude—bebe!
Queima como o fogo, mas as tristezas
transforma-as na água da vida—bebe!

91

Não sigas as Tradições, ignora os Mandamentos,
não negues a ninguém o pedaço de pão que possuis.
Nem calunies, nem aflijas o coração de alguém,
eu garanto-te o mundo vindouro—traz vinho!

92

O vinho é vermelho como uma rosa, e a taça transborda com a água das rosas.
Talvez, na caixa de cristal, haja um rubi puro—quem sabe?
Talvez um rubi derretido esteja misturado na água—quem sabe?
Talvez o luar seja o véu do sol—quem sabe?

93

Cada voto que fazemos, logo o quebramos,
e fechamos novamente sobre nós a porta da fama e da reputação.
Não me censures se ajo como um louco,
pois, mais uma vez, estou embriagado com o vinho do amor.

94

Falemos sem rodeios, sem recorrer a parábolas:
somos as peças, e os céus jogam o jogo.
Somos jogados, um a um, neste jogo infantil,
e, um a um, regressamos à caixa da inexistência.

95

Ó coração! Já que neste mundo até a verdade é exagero,
porque te afliges tanto com esta inquietação e humilhação?
Entrega o teu corpo ao destino e adapta-te ao tempo,
pois o que a Pena escreveu não será reescrito por tua causa.

96

Na face da rosa ainda há a sombra de uma nuvem,
e no meu coração ainda há desejo pelo vinho.
Não durmas—que direito tens tu de dormir já?
Dá-me vinho, ó amor, pois ainda é dia.

97

Vai! Lança poeira no rosto dos céus,
bebe vinho e faz companhia aos belos.
Que tempo é este para adoração? Que tempo é este para súplica?
Pois, de todos os que partiram, nenhum regressou!

98

Enche a taça! Pois o dia nasce branco como neve,
aprende a cor com o vinho rubi.
Pega em dois troncos perfumados de aloé e ilumina a reunião,
faz de um um alaúde e queima o outro.

99

Voltámos à nossa habitual devassidão,
renunciámos às Cinco Orações!
Onde quer que haja um cálice, lá nos encontrarás,
com os pescoços estendidos, como os dos jarros de vinho.

100

Com grande desejo, pressionei os meus lábios contra a borda do jarro,
para lhe perguntar qual o segredo de uma vida longa.
Ele juntou os seus lábios aos meus e sussurrou-me:
— "Bebe vinho, pois a este mundo nunca mais regressarás."

101

Dar-te-ei um conselho, se me quiseres ouvir:
pela graça de Deus, não vistas o manto da hipocrisia.
O além será eterno, mas este mundo é apenas um instante—
não vendas o reino da eternidade por um momento fugaz.

102

Khayyam, se estás embriagado com o vinho, sê feliz,
se repousas ao lado de alguém de face de tulipa, sê feliz.
Já que o fim de tudo é o nada,
enquanto existes, imagina que não existes—e sê feliz!

103

Fui ontem à noite à oficina de um oleiro,
vi dois mil jarros—uns falavam, outros estavam silenciosos.
De repente, um dos jarros gritou furiosamente:
— "Onde estão o oleiro, o comprador de jarros e o vendedor?"

104

Deste espírito que chamam de vinho puro,
dizem: — "É um remédio para um coração destroçado."
Então, coloca diante de mim duas ou três taças bem cheias,
pois por que chamam a uma boa água de "água má"?

105

Considera as minhas virtudes uma a uma,
e perdoa os meus pecados dez a dez.
Perdoa cada falta do passado, pois a sua conta pertence a Deus.
Não deixes que o vento e o ar alimentem a chama do teu rancor—
pela tumba de Muhammad! Perdoa-me!

106

Na verdade, o vinho no cálice é um espírito delicado,
no corpo do jarro, uma alma repousa.
Nada de pesado é digno de ser amigo do vinho,
exceto a taça, pois é, ao mesmo tempo, pesada e delicada.

107

Onde está o limite da eternidade futura, e onde o da eternidade passada?
Agora é o momento da alegria, não há substituto para o vinho.
Teoria e prática ultrapassam o meu entendimento,
mas o vinho desfaz o nó de todas as dificuldades.

108

Esta abóbada celeste, sob a qual estamos perplexos,
sabemos que é como uma lanterna mágica.
Sabe que o sol é a chama da lâmpada e o universo é a lâmpada,
e nós somos como sombras que giram dentro dela.

109

Nem sempre consigo dominar a minha natureza—
mas o que posso fazer?
E sofro pelas minhas ações—
mas o que posso fazer?
Creio verdadeiramente que Tu me perdoarás generosamente,
pelo simples facto de eu me envergonhar do que fiz—
mas o que posso fazer?

110

Levantar-me-ei e buscarei o vinho puro,
farei com que o tom da minha face se assemelhe ao da jujuba.
Quanto a este intelecto intrometido,
atirarei um punhado de vinho ao seu rosto para o adormecer.

111

Até quando seremos escravos das preocupações diárias?
Que importa se vivemos um ano ou apenas um dia neste mundo?
Derrama o vinho na taça, antes que
nos tornemos jarros na oficina dos oleiros.

112

Já que a nossa estadia neste mosteiro não é permanente,
sem o Copo-mestre e sem o amado, é difícil suportar a vida.
Até quando falaremos de doutrinas antigas ou novas, ó filósofo?
Depois de eu partir, que me importa se o mundo é velho ou novo?

113

Ao amar-Te, carrego os pecados de cem faltas,
e se falhar nesta obrigação, pago o preço.
Se a minha vida permanecer fiel à Tua crueldade,
com a ajuda de Deus, terei menos ainda para suportar até ao Dia do Juízo.

114

O mundo sendo efémero, pratico apenas o prazer,
e só me entrego à alegria e ao vinho cintilante.
Dizem-me: — "Que Deus te conceda arrependimento!"
Ele próprio não mo dá, e se mo desse, não o aceitaria.

115

Embora tenha ido à mesquita com ar de suplicante,
por Deus! Não fui lá para rezar.
Fui um dia e roubei um tapete de oração,
esse pecado já se gastou—por isso, volto sempre.

116

Quando eu estiver esmagado sob o pé do destino,
e desenraizado da esperança de vida,
tem cuidado para que nada mais faças do meu barro
senão um cálice—talvez, quando cheio de vinho, eu reviva.

117

O meu coração não distingue a isca da armadilha,
um conselho leva-o à mesquita, outro conduz à taça.
No entanto, o vinho, o amado e eu, juntos,
somos melhores cozidos numa taberna do que crus num mosteiro.

118

É manhã: por um instante, aspiremos o aroma do vinho cor de rosa,
e partamos contra uma pedra este vaso de reputação e honra.
Deixemos de perseguir o que há tanto tempo desejamos,
e joguemos com longos caracóis e com o cabo do alaúde.

119

Preferimos um canto e dois pedaços de pão ao mundo,
renunciámos à cobiça das suas riquezas e magnificência.
Comprámos a pobreza com o coração e a alma,
e na pobreza descobrimos uma grande riqueza.

120

Conheço a aparência da existência e da inexistência,
conheço o interior do que é alto e do que é baixo.
Ainda assim, prefiro ser modesto no meu saber,
se reconheço algum grau superior ao da embriaguez.

121

Por um tempo, na juventude, frequentámos um mestre,
por um tempo, contentámo-nos com a nossa aprendizagem.
Mas eis a essência do discurso: o que nos aconteceu?
Entrámos como água e partimos como vento.

122

Para aquele que compreende os mistérios do mundo,
alegria e tristeza são a mesma coisa.
Já que o bem e o mal do mundo hão de ter fim,
que importa, então, como acaba? Se quiseres, sê só dor,
ou, se quiseres, sê só cura.

123

No que depender de ti, segue o exemplo dos devassos,
destrói os alicerces da oração e do jejum.
Ouve a palavra da Verdade dita por Omar Khayyam:
"Bebe vinho, rouba na estrada e sê benevolente."

124

Já que a colheita da raça humana, nesta vastidão,
é apenas sofrer ou morrer,
feliz é aquele que passa rapidamente por este mundo,
e aquele que nunca nasceu, esse encontrou a paz.

125

Ó Dervishe! Rasga do teu corpo o véu bordado,
em vez de sacrificares o teu corpo por causa desse véu.
Vai, lança sobre os ombros o velho manto da pobreza—
pois sob esse manto, és igual a um sultão.

126

Vê a conduta perversa desta abóbada celeste,
vê o mundo—vazio pela perda dos amigos.
Enquanto puderes, vive para ti por um instante,
não busques o amanhã, não procures o ontem—vê o presente!

127

Beber vinho e estar entre belas companhias
é melhor do que praticar a hipocrisia dos fanáticos.
Se o amante e o bêbado estão condenados ao inferno,
então ninguém verá a face do paraíso.

128

Não se pode consumir um coração feliz com tristeza,
nem destruir o prazer da vida na pedra de toque.
Não há ninguém que saiba o que há de vir;
vinho, um amor, e repousar conforme o desejo—
estas coisas são necessárias.

129

Esta abóbada celeste, para minha ruína e para a tua,
trava guerra contra a minha alma pura e contra a tua.
Senta-te sobre a relva verde, ó meu Ídolo! Pois não demorará
até que essa relva cresça do meu pó e do teu.

130

Que proveito há na nossa vinda e na nossa partida?
Onde está o tear que entrelaça os fios da nossa vida?
Quantos corpos delicados o mundo reduziu a pó!
E onde está a fumaça deles?

131

Foge do estudo de todas as ciências—é melhor assim,
e enreda os teus dedos nos caracóis de um amor—é melhor assim.
Antes que o destino derrame o teu sangue,
verte tu o sangue da garrafa na taça—é melhor assim.

132

Ah! Esfreguei os meus bigodes à porta da taberna,
despedi-me do bem e do mal de ambos os mundos.
Se os dois mundos rolassem como bolas pela minha rua,
busca-me—encontrar-me-ás a dormir como um bêbado.

133

De tudo, exceto do vinho, a abstinência é o melhor,
e esse vinho é melhor quando servido por belas embriagadas num pavilhão.
Beber, ser um *Kalendar** errante e vaguear é melhor,
um único gole de vinho, de *Mah a Mahi,*** é o melhor.

NT: Qalandar,** refere um tipo de dervixe errante, um místico sufi que rejeita convenções sociais e vive em desapego do mundo material.*

*** Representação do Céu e da Terra, a fugacidade da vida.*

134

Esta abóbada celeste é como uma tigela virada ao contrário,
sob a qual todos os sábios estão cativos.
Escolhe antes a amizade do cálice e do jarro,
pois estão lábio a lábio, e entre eles verteu-se sangue.

135

Vê! A brisa rasgou a orla da rosa,
o rouxinol rejubila com a beleza da flor.
Senta-te à sombra da rosa, pois, pelo vento, muitas delas
foram espalhadas pela terra e tornaram-se pó.

136

Até quando me angustiarei pelo que tenho ou não tenho,
e se passarei esta vida com leveza ou não?
Enche a taça de vinho, pois não sei
se exalarei este sopro que agora respiro.

137

Não te submetas à tristeza deste mundo injusto,
não nos recordes da dor pelos que partiram.
Entrega o teu coração apenas a alguém de seios de jasmim e alma de fada,
não te prives do vinho, não lances a tua vida ao vento.

138

Mesmo que vivas sessenta anos, não desistas;
para onde quer que vás, anda sempre embriagado.
Antes que façam da concavidade do teu crânio um jarro,
não largues o jarro do teu ombro, nem abandones a taça.

139

Um gole de vinho velho vale mais do que um reino novo.
Evita qualquer caminho que não seja o do vinho—é melhor assim.
A taça vale cem vezes mais do que o reino de *Feridun,**
a telha que cobre o jarro vale mais do que a coroa de *Kai Khosru.***

**NT: Fereydun, figura mitológica da história Persa, símbolo de poder e justiça*

*** Rei virtuoso lendário da dinastia da dinastia Kayânida e é conhecido por sua justiça, sabedoria e renúncia voluntária ao trono, retirando-se para a contemplação e a espiritualidade.*

140

Aqueles, ó **Saki**, que partiram antes de nós,
adormeceram, ó **Saki**, no pó do orgulho.
Vai, bebe vinho, e ouve de mim a verdade:
tudo o que disseram, ó **Saki**, não passa de vento.

141

Ó Rabino, quebraste o meu jarro de vinho,
ó Rabino, fechaste-me a porta da felicidade.
Derramaste o meu vinho puro sobre a terra—
possa eu perecer! Mas tu és estranho, ó Rabino!

142

Ó céus! Concedes algo a todas as criaturas vis,
constróis banhos, canais e riachos para eles.
Mas o homem puro joga ao acaso pela ração da noite,
será que vale um figo tal céu?

143

Ó coração! Nunca alcançarás o segredo do mistério,
nem compreenderás as conjeturas dos filósofos engenhosos.
Cria um paraíso aqui com vinho e uma taça,
pois alcançarás o outro paraíso—ou talvez não.

144

Do mundo, só comes a fumaça da sua cozinha.
Até quando te angustiarás com o que é ou não é?
Se o comércio da vida te desgasta,
quem desfrutará do lucro se tu próprio consomes todo o capital?

145

Ó alma! Se te purificares do pó do corpo,
tu, espírito nu, poderás voar pelo céu.
O Empíreo é o teu verdadeiro domínio—
mas que vergonha para ti, que vieste habitar os limites da terra!

146

Quebrei o cálice de vinho contra uma pedra, ontem à noite,
e a minha cabeça girou ao fazer algo tão vil.
O cálice disse-me, em linguagem mística:
— "Eu fui como tu, e tu também serás como eu."

147

Agarra a taça e o jarro, ó desejo do meu coração!
Com alegria e leveza, vagueia pelo jardim junto ao rio.
Muitos foram os nobres que o céu maldoso
transformou cem vezes em taças e cem vezes em jarros.

148

Em mil lugares do caminho por onde ando, colocas armadilhas,
dizes-me: — "Agarro-te se nelas pisares."
Nada neste mundo é independente de Ti,
Tu ordenas tudo e ainda assim chamas-me rebelde.

149

Desejo um pouco de vinho rubi e um livro de versos,
apenas o suficiente para me manter vivo e meio pão basta.
E então, que eu e tu nos sentemos num lugar deserto—
isso vale mais do que o reino de um sultão.

150

Não te rendas à tristeza vã—vive feliz,
e, no caminho da injustiça, sê um exemplo de justiça.
Já que o fim deste mundo é o nada,
considera-te nada—e sê livre.

151

Olho em redor, e em todo o lado,
vejo um riacho a fluir do **Kausar*** no jardim.
O deserto torna-se como o paraíso, dirias que o inferno desapareceu.
Senta-te, então, no paraíso, junto de um rosto celestial.

NT: Al-Kawthar, o rio celeste mencionado no sutara 108 do Alcorão

152

Sê feliz! O teu destino foi traçado ontem,
e além dos teus desejos está o ontem.
Vive feliz, pois sem qualquer pedido da tua parte,
ontem já decidiram, com certeza, o que farás amanhã—
ontem!

153

Derrama o vinho vermelho da cor das túlipas,
tira o sangue puro da garganta do jarro,
pois hoje, além da taça de vinho,
não há um único amigo de coração puro para mim.

154

No ouvido do meu coração, o céu sussurrou:
— "Os decretos do destino aprenderás de mim.
Se eu tivesse poder sobre os meus próprios ciclos,
o vinho teria me livrado da vertigem."

155

Se eu tivesse pão de trigo,
um jarro de vinho e um pedaço de carne,
e se tu e eu nos sentássemos no deserto—
isso seria uma alegria sem limites para um sultão.

156

Agora que o Ramadão terminou e *Shawwal** chegou,
vem o tempo da abundância, da alegria e dos contadores de histórias.
Eis a época em que dizem: — "Os jarros ao ombro!"
pois os carregadores voltam, ombro a ombro.

**NT: O décimo mês do calendário Islâmico*

FIM DOS QUARTETOS